



Sabático

UM TEMPO PARA A LEITURA

estado.com.br

FOTOMONTAGEM SOBRE FOTO DE JF DICKSON/AG

A NOVA ONDA DAS EDITORAS

Com o mercado de tablets em expansão, as editoras brasileiras já tratam o livro como veículo multimídia, incorporando às suas equipes cinegrafistas, produtores e autores de trilhas sonoras. E assim a produção de títulos para iPads e similares dá início a um novo capítulo na história editorial do País.
Pág. S3

Filosofia

Política da verdade

Obra de Michel Foucault trata do governo de si e dos outros.
Pág. S4

Entrevista

Mania de cinema

Antoine de Baecque, autor de *Cinefilia*, fala sobre o tema
Pág. S6

Mergulho na tela.
Página de Fernando de Noronha (Bei), um dos primeiros nacionais a serem vendidos pela Apple

Filosofia

No penúltimo curso que proferiu no Collège de France, no ano de 1983, Michel Foucault examina o real significado do vínculo entre o governo de si mesmo e o dos outros na cultura ocidental antiga



O GOVERNO DE SI E DOS OUTROS
 Autor: Michel Foucault
 Tradutor: Eduardo Brandão
 Editora: WMF Martins Fontes
 (400 págs., R\$ 68)

O EMBATE VERDADE VERSUS POLÍTICA

MÁRCIO ALVES DA FONSECA

Conforme indica adequadamente seu título, o penúltimo curso proferido por Michel Foucault no Collège de France – O Governo de Si e dos Outros – estuda aspectos essenciais da implicação entre o conjunto das práticas que guiavam a condução da vida particular (ética) e o conjunto das práticas que orientavam a condução da vida coletiva (política) no seio da cultura antiga. Com efeito, a detalhada reconstituição histórica da noção de parrésia, realizada nesse curso de 1983, permitiu ao filósofo analisar o real significado do vínculo entre o “governo de si mesmo” e o “governo político dos outros” no berço da cultura ocidental.

A presença do tema da parrésia (o “dizer-verdadeiro” ou “franco-falar”) nos trabalhos de Foucault tem lugar no interior da análise empreendida pelo pensador acerca do preceito filosófico-moral do “cuidado de si” nas culturas clássica e helenística, iniciada em seu curso do ano anterior (A Hermenêutica do Sujeito). Tratava-se, no curso de 1982, de caracterizar a parrésia como a palavra verdadeira proferida pelo mestre que buscava suscitar em seu discípulo a prática moral do cuidado consigo. Diferentemente, portanto, dos discursos da retórica e da lisonja, a parrésia do mestre tinha por finalidade propiciar o movimento pessoal do discípulo que o conduziria à conquista da autonomia. Em O Governo de Si e dos Outros, Foucault continuou o estudo sobre a parrésia dos antigos, mas agora em seu sentido propriamente político. A ideia era apreender o significado do dizer-verdadeiro enquanto a expressão pública e arriscada de uma convicção do sujeito que se encontra ontologicamente engajado no ato de enunciação da verdade, tal como explica Frédéric Gros, editor do curso de 1983, em um texto publicado como apêndice.

Para Foucault, essa parrésia política teria se constituído na Antiguidade segundo duas formas principais. De um lado, ela teria a forma da palavra verdadeira proferida pelo cidadão que, ao se dirigir à assembleia, defendia seu ponto de vista acerca do interesse comum. O pensador chamou de “parrésia democrática” a essa forma. De outro, ela se daria também segundo a forma da palavra verdadeira proferida pelo filósofo que, em particular, se dirigia ao governante a fim de instigá-lo ao bom governo de si



mesmo, de tal modo que pudesse bem governar a cidade. A essa forma Foucault denominou “parrésia autocrática”. O conjunto das aulas do curso de 1983 se estrutura em torno da análise dessas duas modalidades da parrésia política antiga.

A aula inicial, entretanto, ainda que estreitamente vinculada ao tema geral do curso, possui um estatuto próprio. Publicada anteriormente em uma versão concisa (*Magazine Littéraire*, 1984, e *Dits et Écrits*, 1994) e apoiando-se na leitura do opúsculo kantiano sobre a história *O Que São as Luzes?*, a primeira aula de O Governo de Si e dos Outros permitiu a Foucault alinhar seu trabalho intelectual à herança “crítica” do pensamento kantiano. Isso, na medida em que ela consistiria numa reflexão sobre a atualidade que, por sua vez, se configuraria como uma crítica ao presente em sua singularidade histórica. Desse modo, tal como a concebeu, Foucault situou sua filosofia no interior de uma tradição que iria de Hegel à Escola de Frankfurt, passando por Nietzsche e Max Weber.

As quatro aulas seguintes do curso seriam dedicadas, no essencial, ao estudo da parrésia democrática. Um primeiro momento desse estudo se apoia especialmente na interpretação da tragédia *Íon*, de Eurípedes. Foucault identifica no texto eurípidiano aquele que considera o momento da fundação mítica da parrésia democrática ateniense. O personagem Íon seria o paradigma lendário do cidadão que faz uso da palavra livre e verdadeira para intervir na cidade. A longa análise do *Íon* propiciou a Foucault indicar a circularidade essencial existente entre a democracia antiga e o dizer-verdadeiro,

além de explicitar o apelo recíproco e necessário, evidenciado pela prática da parrésia, entre a democracia e o exercício efetivo do poder. A parrésia democrática poderia então ser caracterizada como uma atividade definida a partir de quatro condições essenciais. A primeira delas, a condição formal, seria a própria democracia, compreendida como a igualdade de todos os cidadãos e a liberdade de cada um para falar e participar das decisões comuns. A segunda condição, condição de fato, seria o jogo político inerente à prática democrática. A terceira condição corresponderia ao logos, enquanto a palavra ou o discurso indexados à verdade. Por fim, a condição moral, consistente na

coragem daquele que profere o dizer-verdadeiro no domínio público. Justamente porque ele se concretiza no interior desse jogo, ao mesmo tempo complexo e frágil, entre essas quatro condições do discurso verdadeiro no domínio político é que, para Foucault, o vínculo entre a parrésia e a democracia será sempre problemático e difícil. Ora, um exemplo do bom funcionamento dessa parrésia democrática é encontrado nos discursos proferidos por Péricles perante os cidadãos atenienses num momento crucial da guerra entre Atenas e os lacedemônios. A análise dos três discursos de Péricles relatados por Tucídides em sua *História da Guerra do Peloponeso – O Discurso da Guerra, o Discurso dos Mortos e o Discurso da Peste* – possibilitou a Foucault precisar o sentido complexo e fundamental que possui a palavra de verdade no domínio político.

As cinco aulas restantes do curso de 1983 voltam-se para a parrésia exercida pelo filósofo que, se reportando ao Príncipe a fim

de incitá-lo ao bom governo de si mesmo, o conduziria ao justo governo dos outros. Em sua análise dessa parrésia autocrática, Foucault empreendeu uma leitura inédita de Platão, apoiada essencialmente no estudo das *Cartas*, sobretudo as de número V, VII e VIII, bem como dos diálogos *Apologia de Sócrates*, *Fedro* e *Górgias*.

Essa nova incursão pelo pensamento clássico, além de permitir a Foucault retomar o problema da oposição entre a filosofia e a retórica – já abordado no curso do ano anterior e que também estaria presente no curso de 1984, segundo uma perspectiva diversa – dará lugar a uma instigante análise sobre a natureza do discurso filosófico. Tal análise acabaria por se desdobrar em uma interrogação sobre algumas expressões maiores do pensamento atual, naquilo que encerram de tateante, e por vezes ambíguo, em seu esforço para confrontar o dizer-a-verdade filosófico e a racionalidade política. Ao interpretar Platão, no curso O Governo de Si e dos Outros, Foucault pôde então afirmar que a prova de realidade da filosofia, aquilo que faz com que o discurso filosófico não seja apenas logos, não seja apenas uma “palavra dada em sonho”, mas possa efetivamente tocar a realidade, consistiria precisamente em seu confronto ativo com a política. Essa tarefa, ao lado daquela que se traduz pelo exercício contínuo da alma, definirá por fim o ser próprio da filosofia.

MÁRCIO ALVES DA FONSECA É PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E DO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM FILOSOFIA DA PUC-SP. PÓS-DOUTOR EM FILOSOFIA PELA ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE DE PARIS E PELA UNIVERSITÉ DE PARIS-XII. PUBLICOU *MICHEL FOUCAULT E O DIREITO* (MAX LIMONAD, 2002) E *MICHEL FOUCAULT E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO* (EDUC, 2003). ENTRE OUTROS TRABALHOS.

Lição. Foucault, que morreu em 1984: leitura cuidadosa de Kant e diálogo com a tradição reflexiva que vai de Hegel à Escola de Frankfurt, passando ainda por Nietzsche

VIAGEM AO IRÃ
 Michel Foucault trabalhava como jornalista do *Nouvel Observateur*, em 1979, quando caiu o regime do xá Reza Pahlavi, na antiga Pérsia. O filósofo viajou para lá e entrevistou o aiatolá Khomeini, que assumira o poder, manifestando seu apoio a ele – para surpresa de seus leitores. É essa a história de Foucault e a Revolução Iraniana, que a Editora É lança em março.

Do Suplemento Literário

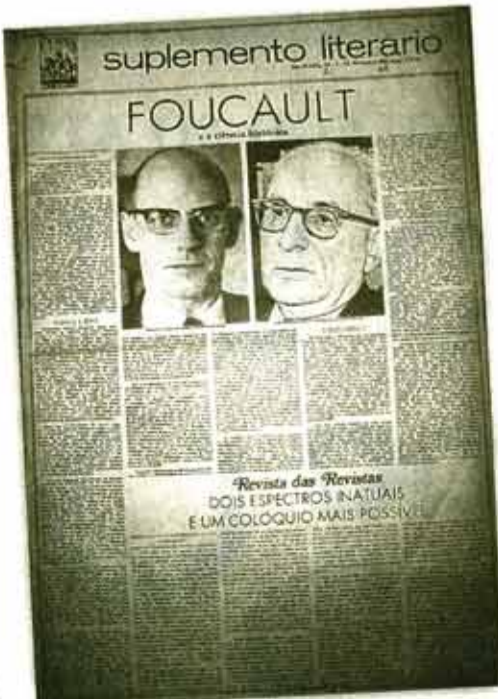
21.1.1973

REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA HISTÓRICA

Aula de 1970 – que discutiu as doutrinas de Fernand Braudel – rendeu ensaio no caderno em torno das ideias foucaultianas sobre o tema

MARIA BEATRIZ NIZZA DA SILVA

Ao proferir a lição inaugural do Collège Francaise em dezembro de 1970, Michel Foucault, depois de expor as principais exigências de seu método, fez um comentário sobre a ciência histórica, tal como é atualmente praticada em França, que se reveste de grande im-



* O SUPLEMENTO LITERÁRIO CIRCULOU NO ESTADO ENTRE 1956 E 1974. FOI MANTIDA AQUI A ORTOGRAFIA ORIGINAL DO ARTIGO.

portância para quem se preocupa com os caminhos abertos a esta ciência.

Em primeiro lugar, Foucault duvida da direção indicada por Fernand Braudel seja a mais fecunda. É certo que o nome de Braudel não é expressamente referido, mas não pode haver dúvidas quanto à alusão: “Atribui-se muitas vezes à história contemporânea a extinção dos privilégios outrora concedidos ao evento singular e o aparecimento de estruturas de longa duração” (*L'ordre du discours*, Paris Galimard, 1971, pag. 56). Basta falar em estruturas de longa duração, para o leitor se reportar imediatamente aos textos publicados por Braudel na década de 50, principalmente na revista *Annales*. Foucault acrescenta que não lhe parece ser este caminho o efetivamente seguido pelos historiadores nos últimos anos, uma vez que a oposição entre *evento* e *estrutura*, tão acentuada nos textos metodológicos de Braudel, não se constata de modo algum nas pesquisas recentemente publicadas. Verificou-se como que uma recuperação do evento, através da substituição do evento isolado, válido por si só, graças a sua importância intrínseca, pelo evento em série, e inserido em séries cada vez mais variadas e abundantes: “... foi apertando ao extremo o grão do acontecimento, levando o poder de resolução da análise histórica até as mercuriais, aos atos notoriais,

ao registros de paróquia, os arquivos pontuários seguidos ano após ano, semana após semana, que vimos desenharem-se, para além das batalhas, dos decretos, das dinastias ou das assembleias, fenômenos maciços de alcance secular ou plurisecular” (ibid., pag. 57).

(...) Certamente Foucault alude aqui, entre outros, ao trabalho de Pierre Chaunu, *Seville et l'Atlantique (1550-1650)*, publicado em 1959, que pertence àquilo que hoje se denomina *história serial*, uma história que se interessa menos pelo fato individual que pelo elemento repetido, integral numa série homogênea suscetível de sofrer em seguida os processos matemáticos clássicos da análise das séries. Evidentemente não é a quantificação – Foucault acentua –, mas sim que “a história, tal como hoje se pratica, não se afasta dos eventos”. É que Foucault não pretende, de modo algum, cantonar o evento na curta duração como faz Braudel, e chama a atenção para o fato de os historiadores não considerarem atualmente um evento sem definir a série de que faz parte, sem especificar o modo de análise que esta exige. (...)

estadão.com.br

Leia a íntegra deste texto
 estadão.com.br/e/s4

INFLUÊNCIAS
 Nascido em Poitiers, a 15 de outubro de 1926, Michel Foucault morreu em Paris, no dia 25 de junho de 1984. Influenciado pelo estruturalismo, desenvolveu um pensamento próprio, que o tornaria célebre. Suas reflexões em torno das ciências humanas – como no caso da História, assunto deste artigo da professora Maria Beatriz Nizza da Silva, da USP – tiveram ampla repercussão, inclusive no Brasil, país que visitou algumas vezes. Publicou, entre outros livros, *História da Loucura na Idade Média* (1961), *Arqueologia do Saber* (1969) e *Vigiar e Punir* (1975).